

A paixão do poder, segundo FFHH

FHC

Sisson+Alex Freitas

Está nas livrarias O Presidente Segundo o Sociólogo, o melhor retrato já feito da cabeça de FFHH. Trata-se da edição de nove entrevistas (num total de 20 horas) dadas ao jornalista Roberto Pompeu de Toledo. É trabalho inédito, sistematizado e concebido para sair sob a forma de livro, com a dinâmica de uma conversa do Presidente da República com alguém que busca mais a estrutura do seu pensamento do que uma novidade para o dia seguinte.

Nele abundam as referências filosóficas e escasseiam as fofocas. Disso resultam algumas digressões que dão ao cosmopolitismo do entrevistado um sabor agreste para o leitor. Quem quiser testar a sua capacidade de dar ao livro algumas horas de seu tempo pode abri-lo no capítulo intitulado Violência e Drogas. É o melhor. Dele sai um FFHH de vitrine.

Pompeu levantou o tema da violência urbana no mundo contemporâneo e FFHH respondeu viajando no espaço e no tempo. Foi para França do século XVIII, voou para uma noite em Varsóvia e, quando chegou ao Brasil do fim do século XX, discutiu a questão com uma mistura de rigor e dúvidas. Repetiu quatro vezes que os assuntos relacionados com a segurança pública são "complicados", desmontou a teoria da conveniência da entrada das Forças Armadas no combate à droga e lembrou que a associação da violência à miséria é apenas mais um preconceito contra os pobres.

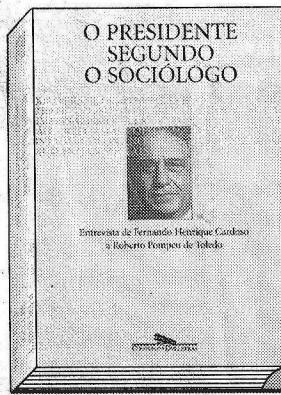
O melhor momento do diálogo se deu quando FFHH informou que nunca foi assaltado, mas a casa onde morou, no Morumbi, foi roubada duas vezes. Numa arrombaram o cofre. Noutra levaram um carro. Depois, quando ficou vazia, foi ocupada por um marginal que nela guardava mercadorias furtadas e chegou a usá-la para dar uma festa. Mais adiante, lembrou que outra casa, que usa para guardar livros, foi varejada em duas ocasiões, quando lhe levaram máquinas de escritório e um aparelho de fax. Como a essa altura já era Presidente da República, providenciou para que se colocassem policiais guardando-a. Resultado: a megalha pública usou o telefone para conversar com os serviços de telepornografia e produziu uma conta de R\$ 2 mil (custando mais caro que o butim levado pelos larápios privados). Desistiu da casa e vai vendê-la, porque "se ficar vazia, ocupam". "Veja, se é assim comigo...", lamentou-se o Presidente.

Começou sua conta com dois roubos, mas vendo-se bem, avançaram sobre o seu patrimônio seis vezes. Contou isso ao seu estilo, passeando sobre os astros, distraído. Não reclamou, mal reclamou.

O livro reflete a serenidade de um monarca mais preocupado em adequar a vida nacional a uma nova ordem mundial do que em radicalizar mudanças na desordem social de Pindorama. Faz isso com uma certa ambigüidade, pois critica (na teoria) os capitais especulativos,



NA MONTAGEM, FFHH no gabinete de leitura de seu antecessor, D. Pedro II



(porque não tinha dinheiro para comprá-la no Morumbi), pagou todos os seus impostos e vem o Presidente da República dizer-lhe que "isso cria um problema tremendo de transporte". Em outras palavras: "Aqui, muda-se de emprego, mas a casa é um invariante". Considerando-se que só na Grande São Paulo há 1,5 milhão de pessoas sem aquilo que o ministro Edward Amadeo chama de "empregabilidade" deveria agradecer aos céus por aqueles que continuam com

a chave de casa, pois do contrário estariam também com um problema de "morabilidade". Foi mal a coisa também quando FFHH pousou no Nordeste, oferecendo um futuro de água e progresso, argumentando que "é preciso que os nordestinos acreditem mais em sua própria capacidade", livrando-se do que seria uma "curtição da pobreza". (Nessa hora ecoa uma variante da memorável frase de Joãozinho Trinta: "Pobre gosta de luxo. Quem gosta de miséria é intelectual".)

O Presidente Segundo o Sociólogo flui sereno e gentil. As respostas de FFHH sugerem um esforço para policiar o seu senso de humor. Descontado um genérico "idiota" atirado às pessoas que vêm no seu programa Brasil em Ação uma plataforma de campanha, foi cortês até com o MST ("eles ajudam a mudança").

As dificuldades do Estado brasileiro permeiam todo o livro e a descrição que delas resulta são o que há de melhor no trabalho, sobretudo porque exibem as dificuldades cotidianas do exercício da Presidência. Revelam também o conhecimento com que FFHH faz seu serviço. Sai da entrevista um homem de poucas certezas e astúcia suficiente para não comprar soluções baratas (nem mesmo as que outrora vendeu).

Não é um livro de propaganda. Até onde isso é possível, é uma conversa na qual o Presidente da República mostra como funciona sua cabeça. Não mostra tudo, mas cabeça em bandeja, só quem conseguiu foi Salomé.

enquanto governa (na prática) com um néctar para os agiotas, uma das maiores taxas de juros do mundo. Muitas páginas depois, com outro assunto, informa: "Eu não tenho com quem dialogar à direita. Com a direita não dialogo - ela adere". Com esses juros o andar de cima, tanto à direita quanto à esquerda, aderiria até a Gengis Khan.

Seus melhores momentos estão nas reflexões políticas e no tom suave com que as conduz. Os piores, na discussão de alguns problemas da choldra, pela qual mostra nutrir mais compaixão que entendimento. Incomoda-se com o ideal nacional da busca da casa própria ("coisa que no Brasil gerou um enorme problema"). Esse ideal seria, entre outros fatores, a causa da desordem dos transportes públicos. Aí fica feia a coisa. O cidadão tinha dinheiro no FGTS, mas o Governo comeu, botou na poupança e em pelo menos uma ocasião foi confiscado. Comprou uma casa na periferia